

A debandada é geral na rede pública

Salários baixos, péssimas condições de trabalho, falta de estímulo. Estes motivos têm levado um contingente cada vez maior de médicos, enfermeiros e auxiliares de enfermagem a desistir de trabalhar na rede pública de saúde. A situação é ainda mais dramática na rede estadual, cujos salários são quase três vezes mais baixos do que aqueles pagos pelo Inamps.

A Secretaria Estadual de Saúde, com a alegação de que os dados são parciais, não divulgou números sobre déficit de funcionários, concursos recém-realizados e contratações feitas. Mas informa que 35,5% dos 4.130 leitos da rede do Suds na Grande São Paulo estão desativados e que um terço desta ociosidade deve-se à falta de recursos humanos. Segundo o presidente do Conselho Regional de Medicina (CRM), Heitor Buzzoni, o número de inscritos nos concursos da rede pública não chega a alcançar o número de vagas disponíveis porque os salários estão muito baixos.

Hoje, um médico iniciante do Estado tem um salário-base de cerca de Cr\$ 18 mil por 20 horas de trabalho, quando o equivalente para o profissional do Inamps é cerca de Cr\$ 60 mil. Pior: após a unificação do Suds, todo profissional que entra na rede hoje é contratado com o salário do Estado, mesmo que vá trabalhar num hospital do Inamps.

Na rede municipal, os salários são mais altos (o médico em início de carreira está recebendo cerca de Cr\$ 36 mil por 24 horas semanais) mas a Secretaria de Higiene e Saúde também está enfrentando pro-

blemas. Nos últimos meses, 700 auxiliares de enfermagem e 315 médicos foram contratados em regime de emergência para colocar em funcionamento postos de saúde da periferia que estavam desativados. Com a realização de concursos, outros 1.400 auxiliares entraram na rede e 2.100 vagas para médicos estão sendo preenchidas. Ainda assim, a rede continua com um déficit de 1.800 auxiliares de enfermagem e não está conseguindo preencher as 1.025 vagas existentes para enfermeiros. O problema, na opinião de Ruth Camargo Leifert, presidente do Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo, não é apenas salarial. "Não existem condições de trabalho na rede pública. Não há material ou medicamento e tudo tem que ser improvisado", diz ela.

Desestímulo

Com o caos do sistema, até mesmo médicos e funcionários do Hospital das Clínicas têm preferido abdicar do *status* de trabalhar no maior hospital-escola da América Latina e se demitir. Uma médica que pediu demissão do Pronto Socorro do HC no final de março, após oito anos no cargo, conta que recebia Cr\$ 41 mil no HC e Cr\$ 100 mil em outro emprego que tem num hospital do Inamps. Mas salienta que o salário não foi o principal motivo de sua decisão. "Os salários sempre foram aviltantes, mas antes valia a pena ficar devido às chances de aperfeiçoamento e acúmulo de experiência que o HC proporcionava. Agora, há excesso de doentes e nenhuma condição de trabalho."

No PS de Clínica Médica do HC existe atualmente uma média de 0,2 funcionário por maca, quando o mínimo recomendado é 0,8. Ali ficam internadas diariamente 40 pessoas em macas para uma capacidade de 12 pacientes. "Mal dá para dar banho nos doentes", diz a médica. Desde julho de 1989, 12 profissionais já pediram demissão e, na tentativa de aliviar a crise, a diretoria do PS está solicitando à superintendência do HC o fechamento de algumas enfermarias do hospital para possibilitar o remanejamento de funcionários para o pronto-socorro.

Segundo Sueli Rodrigues Morana, presidente da Associação dos Médicos do HC, nem os concursos adiantam. Num deles, para auxiliar de enfermagem, apareceram apenas 119 inscritos para 332 vagas. E apenas 25 aprovados ingressaram no hospital. Para ela, nem mesmo a fundação criada pelo HC para facilitar a arrecadação de recursos à instituição resolveu o problema salarial dos funcionários.

Na opinião de Sueli e outros médicos do HC, que preferem não se identificar, o hospital corre o risco de perder seu papel de vanguarda e até 40% do pessoal se persistir a atual política salarial e de saúde. "Não há mais condições de ensinar nada aqui. Os alunos estão fazendo papel de enfermeiros", diz um deles. "Os profissionais estão encarando o hospital como um bico e muitos não ficam aqui nem duas horas por dia", admite.